

Modulações psicossomáticas, entonações caprichosas

Psychosomatic modulations, caprichic intonations

Modulaciones psicossomáticas, entonaciones capriquicas

Estanislau Alves da SILVA FILHO¹

Resumo: Este trabalho é uma revisão de literatura. Em método e objetivo. Visando mesmo os fundamentos teóricos do campo psicossomático, revisitando e assentando elementos mais primários, mas igualmente perscrutando-os por alargamento e expansões – enfaticamente, através de vértices psicanalíticos e biológicos, fazendo-os conversar, não os trabalhando de modo algum como perspectivas excludentes entre si, elucubrando-se uma estrutura dialógica e relacional para corpo, mente, psique, soma, fenótipo, pensamento. Pela materialidade psíquica da substancialidade carnal e suas respectivas plasticidades mútuas, a mirada teórica e conceitual desenvolvida em paralaxe aqui se presta a enredar, por diversos ângulos, uma “realidade” que não se deixa capturar de modo simples.

Palavras-chave: Psicossomática; Psicanálise; Biologia.

Abstract: This work is an essay literature review. In method and objective. Aiming even at the theoretical foundations of the psychosomatic field, revisiting and establishing more primary elements, but also scrutinizing them for enlargement and expansions. Emphatically, through psychoanalytic and biological vertices, making them talk to each other, not working them in any way as excluding perspectives, proposing a dialogic and relational structure for body, mind, psyche, soma, phenotype, thought. For the psychic materiality of carnal substantiality and their respective mutual plasticities, this was the theoretical and conceptual view developed in parallax, entangling a “reality” that cannot be captured in a simple way from different angles.

Keywords: Psychosomatics; Psychoanalysis; Biology.

Resumen: Este trabajo es una revisión de la literatura ensayística. En método y objetivo. De hecho, apuntando a los fundamentos teóricos del campo psicossomático, revisando y estableciendo elementos más primarios, pero también escrutándolos a través de ampliaciones y expansiones. Enfáticamente, a través de vértices psicoanalíticos y biológicos, haciéndolos hablar, no trabajándolos de ninguna manera como perspectivas mutuamente excluyentes, se dilucida una estructura dialógica y relacional para cuerpo, mente, psiquismo, soma, fenotipo, pensamiento. Por la materialidad psíquica de la sustancialidad carnal y sus respectivas plasticidades mutuas, esta fue la mirada teórica y conceptual desarrollada en paralaje, enredando una “realidad” que no puede ser captada de manera simple desde diferentes ángulos.

Palabras clave: Psicossomática; Psicoanálisis; Biología.

¹ Psicanalista e tradutor em psicanálise, mestre e doutorando em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, membro do PSOPOL (Laboratório Psicanálise, Sociedade e Política) e do GPOL (Grupo de Pesquisa de Orientação Lacaniana), ambos igualmente vinculados à Universidade de São Paulo. E-mail: stani-asf@hotmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0989-3613>

Introdução

Trelkovsky: *Stella, eu estava me perguntando...* Stella: *Sim?* Trelkovsky: *Um dente... um dente é uma parte de nós, não é? Como... um pedaço da nossa personalidade.* Stella: *Não entendo o que você quer dizer.* Trelkovsky: *Lembro-me de ler num jornal... que um homem perdeu um braço num acidente e quis que fosse enterrado.* Stella: *Ele quis o quê?* Trelkovsky: *Quis enterrá-lo num cemitério.* Stella: *Devia ser maluco.* Trelkovsky: *As autoridades recusaram. O braço foi cremado e acabou.* Stella: *Onde foi que isso aconteceu? Na França?* Trelkovsky: *Pergunto-me se eles não se recusaram a lhe entregar as cinzas. E, se assim foi, com que direito...* Stella: *Não tem nada de mais alegre para gente falar?* [...] mais um golinho [...] Stella: *Muito bem, chega.* Trelkovsky: *Não se preocupe. ... (já na cama) ...* Trelkovsky: *Me diga... em que exato momento ... um indivíduo deixa de ser o que pensa que é?* Stella: *Sabes, não gosto de complicações.* Trelkovsky: *Cortas o braço. Digo, "Eu e o meu braço". Cortas o outro braço. Eu digo, "Eu e os meus dois braços". Você... tira... tira... meu estômago, os rins, presumindo que isso seja possível... e eu digo "Eu e os meus intestinos". Está entendendo? E, agora, se me cortar a cabeça... eu diria, "Eu e minha cabeça" ou "Eu e meu corpo"? Que direito tem minha cabeça de se apelar "Eu mesmo"? Que direito? (e começou a dormir na frente da bela e frustrada Stella)*
Le Locataire, de Roman Polanski (INQUILINO, 1976, n. p.)

Ao longo deste trabalho buscar-se-á uma série longa de elucubrações temáticas, ora informantes ora sensibilizantes, de modo a organizar um conjunto variado de assertivas psicossomáticas, passando por ao menos três diferentes escaletas de pensamentos, de cunho biológico e psicanalítico, ao cabo do qual se destila pontos-chaves de uma noção somática ainda a estabelecer-se: por um rigor ampliado do corpo que não seja só mortis.

Começamos com o que se pode suscitar, por intento ao menos.

Do sensível ao reflexo – da sensibilização ao ponderado

“Onde estou eu?” pergunta Daniel Dennett (2006), em um imperdível exercício – isto é, um trabalho – genialmente assim intitulado. Nele, o filósofo da mente propõe o nauseante jogo imaginativo de uma separação física (*ainda* científico-fictícia) do cérebro e do resto do corpo, no caso, para uma operação secreta do governo (que assim o fez para fins de preservação do cérebro, evitando que este recebesse radiação). Em dado momento, num encontro entre as partes separadas, ocorre a divertida flutuação:

‘Yorick’, eu disse em voz alta a meu cérebro, ‘você é o meu cérebro. O resto de meu corpo, sentado nesta cadeira, eu chamo de ‘Hamlet’.’ Assim, aqui estamos: Yorick, meu cérebro, Hamlet meu corpo, e eu Dennett. *Ora*, onde estou eu? E quando penso ‘onde estou eu?’, onde foi que esse pensamento ocorreu? Ele ocorreu em meu cérebro, que jaz na cuba ou bem aqui entre meus olhos, onde *parece* que ele ocorreu? Ou em parte alguma? Suas coordenadas *temporais* não me causam problema; ele também não deveria ter coordenadas espaciais? (DENNETT, 2006, p. 406).

Há os que consideram o pensamento ‘holograficamente’, não imediatamente localizável – se daria em vários pontos ‘ao mesmo tempo’, potencialmente como a combinatória de várias ‘regiões’, como a própria inter-relação dessas várias regiões. Mas, se as coisas pudessem assim

estar separadas (corpo de um lado e cérebro de outro): onde Hamlet fosse, iria Dennett? Onde Yorick fosse, iria Dennett? Ou Dennett estaria onde quer que ele pensasse estar? Pense: caso Tom e Dick hipoteticamente trocassem de cérebros, ficando Tom com o antigo corpo de Dick, bastaria perguntar a ele: “ele vai alegar ser Tom, e vai lhe contar os detalhes íntimos da autobiografia de Tom. Estava claro o suficiente, então, que meu corpo atual e eu poderíamos nos separar, mas não era provável que eu pudesse me separar de meu cérebro” (DENNETT, 2006, p. 406) – ‘corretamente’, haveria que chamar a operação de transplante de corpo e não de cérebro. O eu estaria no cérebro?

Suponhamos, eu argumentei comigo mesmo, que eu [Hamlet] estivesse agora para voar para a Califórnia, roubar um banco e ser preso. Em que estado eu [Dennett] seria julgado, na Califórnia, onde o roubo aconteceu, ou no Texas, onde se localizam os mandantes da expedição? Eu seria um criminoso da Califórnia com um cérebro ora do estado, ou um criminoso do Texas que controla um tipo de cúmplice na Califórnia? Parecia possível que eu fosse dar um golpe seco na indecidibilidade daquela questão de jurisdição, embora talvez ela fosse considerada um caso interestadual, e, logo, um crime federal. De qualquer modo, suponhamos que eu fosse condenado. Seria provável que a Califórnia estivesse satisfeita em jogar Hamlet em uma galé, sabendo que Yorick estava vivendo uma vida boa e de luxo, aproveitando as águas do Texas? O Texas encarceraria Yorick, deixando Hamlet livre para pegar o próximo barco para o Rio? Esta alternativa me interessava. Proibindo a pena capital ou outra punição cruel e não-usual, o Estado seria obrigado a manter o sistema de suporte de vida para Yorick, embora pudesse mudá-lo de Houston para Leavenworth, e, embora o opróbrio fosse desagradável, eu não me importaria de forma alguma, e consideraria a mim mesmo um homem livre sob aquelas circunstâncias (DENNETT, 2006, p. 407).

Tudo isso (esse sofisticado emaranhado filosófico) lembra mesmo é aquela espécie de experimento natural infantil – ou seria experiência infantil comum? –, de quando um adulto pergunta a um infante, por exemplo, ‘Cadê o Dudu?’ e o pequenino responde dando tapinhas na própria barriguinha, quiçá dizendo ‘aqui!’. Inicialmente o ser humano se reconheceria estando em sua barriga? Muitas das primeiras sensações corpóreas se passam por lá, da fome à satisfação, etc. Quando é que o ‘Eu’ passa a habitar a cabeça, atrás dos olhos? Seríamos mesmo “animais visuais por excelência”, como já disse o evolucionista Stephen Jay Gould (1990, p. 16)?

Perguntas quase retóricas. Mas há uma questão nisso. Da conformação de um Eu a um corpo? Do espaço mental mais ou menos restrito pelo corpo? Mais, ainda, não limitado ao corpo? É bem por aí. E bem por aí que Freud bem sacou:

[...] originalmente o ego inclui tudo; posteriormente, separa, de si mesmo, um mundo externo. Nosso presente sentimento do ego não passa, portanto, de apenas um mirrado resíduo de um sentimento muito mais inclusivo – na verdade, totalmente abrangente –, que corresponde a um vínculo mais íntimo entre o ego e o mundo que o cerca (FREUD, 1972, p. 85).

Freud e, na sua esteira, Melanie Klein, ambos conceberam que o ‘mundo’ é feito do excluído do Eu – em especial, de um eu que antes era tudo (embora ‘tudo’ pareça ou ‘fosse’ muito; outrossim, é claro que um ‘tudo’ de um bebê há que ser distinto de um ‘tudo’ de um

adulto). Um eu que vai rejeitando não-eus, expulsando-os, nessa perspectiva. Ferenczi, no meio deles, teria elaborado a noção introjetiva, de Introjeção de partes de fora para dentro, como o movimento dos pseudópodes ameboides quando em processos invaginativos, inclusivos. Mas isso só para que Klein posteriormente retornasse com a sua famosa Identificação Projetiva, numa interna e eterna expulsão e reintrojeção de partes do eu, ora para controle, ora para evacuar o inelutável, e mesmo, mais bionianamente, para comunicar (ainda que, aí, não mais como extensão mais imediata de um corpo). Lacanianamente, o Eu é corpo, imaginário, sem dúvida, consistentemente. De qualquer modo, o grande eixo psicanalítico nessa ginástica é o de que o Ego/corpo não coincide imediata e correlativamente com o corpo no senso biológico, físico e fisiológico.

Diz-se: “o falasser adora seu corpo, porque crê que o tem. Na realidade, ele não o tem, mas seu corpo é sua única consistência, consistência mental, é claro, pois seu corpo sai fora a todo instante” (LACAN, 2007, p. 64). A “ideia de si como um corpo tem um peso. É precisamente o que chamamos de ego. Se o ego é dito narcísico, é porque, em certo nível, há alguma coisa que suporta o corpo como imagem” (LACAN, 2007, p. 146). Corpo, essa imagem mental antes de tudo, deve convir boa parte dos psicanalistas. Um corpo profundamente plástico, em transe e trânsitos. Expressivo ou expressão? Nisso estará grande quinhão do dito ‘psicossomático’.

Ferenczi, resenhando o trabalho de Groddeck – complementarmente a: “Há sempre e por toda parte bactérias, diz Groddeck, mas quanto a saber em que momento e de que maneira o ser humano vai recorrer a elas dependerá de seu querer inconsciente (FERENCZI, 1993, p. 132)” –, bem enunciará:

Uma unidade grandiosa rege o mundo, a dualidade entre corpo e a alma é um preconceito. O corpo inteiro pensa; os pensamentos podem exprimir-se sob a forma de um bigode, de um calo no pé e mesmo de excreções. [...]; é impossível falar de um 'Eu', não se vive mas se é 'vívido' por um Algo (*ein Etwas*) (FERENCZI, 1993, p. 134).

Contraditório ou dissonante do lacaniano? Quiçá valesse a provocação reversa: a dualidade entre corpo e a alma é um preconceito, tanto quanto é um preconceito a ideia de se tratar de uma unidade ou simples continuidade. Mas haveria inegável sagacidade na exploração do pensar ampliado, pensar corporal. Estaria isso em oposição ao pensamento biológico de plantão?

O neurobiólogo americano William Calvin é um dos que hoje em dia refletem muito sobre o que é realmente pensar. Ele enfatiza, como outros já fizeram, a ideia de que os pensamentos não residem em lugares específicos no cérebro, mas são padrões de atividade que se deslocam pela sua superfície, unidades que recrutam unidades vizinhas para formar populações que se tornam o mesmo pensamento, competindo à maneira darwiniana com populações rivais que têm pensamentos alternativos. Não vemos esses

pensamentos deslocando-se, contudo presumivelmente os veríamos, se os neurônios se iluminassem quando ativos. Percebo então que o córtex do cérebro talvez se pareça com a superfície do corpo de uma lula. Será que uma lula pensa com a sua pele? Quando uma lula muda de repente o seu padrão de cor, supomos que seja a manifestação de uma mudança de ânimo, para passar um sinal a outra lula. Uma mudança de cor anuncia que a lula mudou de um ânimo agressivo, digamos, para um estado de espírito temeroso. É natural presumir que a mudança de ânimo ocorreu no cérebro e causou a mudança de cor como uma manifestação visível de pensamentos interiores, exteriorizados para fins de comunicação. A fantasia que estou acrescentando é que os próprios pensamentos da lula talvez não residam em nenhum outro lugar a não ser na sua pele. Se as lulas pensam com a pele, elas são até mais 'marcianas' do que pensava o meu colega. Mesmo se isso é uma especulação demasiado forçada (certamente é), o espetáculo de suas agitadas mudanças de cor é suficientemente alienígena para nos arrancar da anestesia da familiaridade. (DAWKINS, 2000, p. 25-26).

Pensar, essa matéria mental por excelência. Mas feita com a pele, o pelo, com os pés. Talvez, descontradizendo-se, arrematará com toda a agudeza, Lacan:

A alma: A única coisa que me parece substantificar a alma é o sintoma. O homem pensaria com sua alma. A alma seria a ferramenta do pensamento. O que é que a alma faria com essa pretensa ferramenta? A alma do sintoma é alguma coisa dura, como um osso. Nós cremos pensar com nosso cérebro. Eu, eu penso com meus pés, é só ali que eu encontro alguma coisa de duro; às vezes eu penso com os músculos da testa, quando me bato. Já vi suficientes eletroencefalogramas para saber que não há nenhuma sombra de pensamento. (LACAN, 2016, p. 95-96)

A existência é psicossomática. Bem se frisou desde Elisa Campos & Avelino Rodrigues (2005). Ou, como mais do que sensivelmente Jansy Berndt de Souza Mello, em bioniano trabalho sobre psicossomática intitulado “As mãos de Bion”, ressoou:

Mesmo situado entre kleinianos, Wilfred Bion igualmente valorizava eventos de um tal ‘mundo interno’ e eventos de uma realidade convencional muito embora, para ele, falar de ‘dentro’ e ‘fora’ era apenas uma maneira de dizer, um cochilo da imagem, uma primeira formulação em vias de se transformar. Bion deixou claro que o trabalho psicanalítico seria sempre um trabalho com o psicossomático. Com o somapsicótico, ou seja, com o proto-mental. Havia um poeta que Bion citava com frequência, um padre jesuíta que lia os neoplatônicos e que se chamava G. M. Hopkins. Dos seus conflitos religiosos causados pelo choque entre o espírito e os chamados da carne, ele extraía seus poemas, perguntando-se ‘quais caminhos seu coração percorria quando adormecido, quais visões teria’. Como Hopkins, Bion queria ter acesso não só ao que o coração podia ver, como àquilo que via o coração. Queria comunicar-se com eles e, isso, numa linguagem ainda mais misteriosa porque pretendia, à interpretação, acelerar ou apaziguar diretamente os batimentos da alma, talvez dispensando as palavras, pequenas demais para tarefa tão grandiosa. Podemos ler a escrita do coração nos traçados eletrocardiográficos, mas nem assim alcançaremos sua mensagem. Pior ainda, nem assim a responderemos. A semiologia nos abre as portas para uma série de correspondências, possibilitando ao médico, por exemplo, acurados diagnósticos a partir dos sinais físicos por ele observados. Mas não podemos esquecer que estes sinais não substituem um objeto ausente, nem representam sempre um objeto presente e oculto. Assim como uma tirolesa pode saltar de um relógio-barômetro para indicar um tempo ensolarado, enquanto um tirolês de guarda-chuva apontar para as chuvas, esta rede de imagens terá pouca relação com a natureza do sol e da chuva. Entender a dança dos tiroleses mecânicos não é a mesma coisa que encontrar algumas marcas no solo e nelas identificar as pegadas de uma corça manca, perseguida por um tigre, embora a interpretação dos signos, nos dois casos, seja referenciada no simbólico. Um som cavo na palpação de um órgão pode indicar patologias diferentes, embora inicialmente tal ruído não seja, propriamente, um sinal, uma vez que o órgão está marcado pelas consequências concretas de uma diminuição da sua densidade. Nas psicossomatoses a mistura de patologias nos permite algumas leituras, mas nem todas oferecerão índices para o seu deciframento. Nas psicossomatoses, mesmo quando acertadas, as interpretações terão pouca ressonância para o doente. Apesar de fazerem sentido, como transmiti-lo para o oco do órgão no qual se originaram? Talvez por nunca terem o que dizer, as vísceras sempre digam a mesma coisa: sou coração, sou coração - ou - sou coração disparado - sou coração parando, por exemplo. Quem capta este sinal que remete a um código de significados e quem decifra o que um coração acelerado,

ou quase parando, está sinalizando de um sistema não submetido à palavra, será quem empresta sua voz ao sentido que se cria. Mas não era disso que se tratava com Bion. E nem era disso que se tratava quando uma analisanda reclamou: ‘Tudo bem, o que você está dizendo faz sentido, mas de que me adianta saber disso?’ (MELLO, 2017, n. p.).

Então: somapsicótico, psicossomatoses. Somatização, conversão, transtorno psicossomático, somatopsíquica, psico-somática, doença psicossomática, dissociação, transtornos somatoformes, somatopsicose, transtorno de sintomas somáticos, distúrbio corporal, somapsicose, imagem corporal, elaboração imaginativa das funções corpóreas. Todas expressões criadas e usadas no esforço de alcançar e enlaçar tal ordem tão arredia. E tantas há mais. E tantos históricos etimológicos e etiológicos se poderiam levantar para cada uma delas. “Psicossomático”, desde Heinroth, 1818. “Somatização” desde Stekel, em 1943, já bem freudiano, enquanto ‘distúrbio corporal que surge como expressão de uma neurose profundamente assentada, uma doença do inconsciente’. Longuíssimas discussões acerca de ‘queixas físicas inexplicáveis’, paralisias sem causa orgânica rastreável, hipocondrias, etc. Não simbolizável contra falta de simbolização contra expressão contra continuação.

Bem, de qualquer modo, valem mais duas últimas voltas antes de perseguir certas duas explanações exploratórias mais objetivas deste tema, desde dois autores psicanalistas. Tais duas voltas para sustentar já um ponto, a ser delimitado nesse ínterim. A primeira dessas voltas se refere aos famosos membros fantasmas. Impossível não remontar a eles quando pensamos sobre o pensar corpóreo – e suas dores excruciantes. E Oliver Sacks nos oferece pratos cheios nesse terreno. Dentre os mais interessantes:

Todas as pessoas que sofreram amputação, e todos os que trabalham com elas, sabem que um membro fantasma é essencial para o uso de um membro mecânico. O dr. Michael Kremer escreveu: ‘Seu valor para o amputado é enorme. Tenho certeza de que nenhum amputado com um membro inferior mecânico consegue andar satisfatoriamente com este enquanto a imagem corporal, em outras palavras, o fantasma, não lhe for incorporada’. Portanto, o desaparecimento de um fantasma pode ser desastroso, e sua recuperação, sua reanimação, um problema urgente. Isto pode ser conseguido de várias maneiras: Weir Mitchell descreveu como uma mão fantasma, perdida durante 25 anos, foi subitamente ‘ressuscitada’ pela faradização do plexo braquial. Um paciente meu com esse problema descreveu como precisava ‘acordar’ seu fantasma pela manhã: primeiro flexionava o coto da coxa na direção do corpo e depois dava-lhe vários tapas rápidos — “como no traseiro de um bebê”. No quinto ou sexto tapa, o fantasma de repente se projetava da coxa, reacendido, fulgurante, pelo estímulo periférico. Só então o paciente podia colocar sua prótese e andar. Que outros métodos singulares (fico imaginando) seriam usados pelos amputados? (SACKS, 1997, p. 83)

Ou:

Com frequência existe uma certa confusão quanto aos fantasmas — se deveriam ou não ocorrer, se são ou não patológicos, se ‘reais’ ou não. A literatura é confusa, mas os pacientes, não — e eles esclarecem o assunto descrevendo diferentes tipos de fantasmas. Por exemplo, um homem perspicaz que sofreu uma amputação acima do joelho fez-me a seguinte descrição: ‘Há uma coisa, um pé fantasma, que às vezes dói como o diabo, e os dedos se dobram para cima ou têm espasmos. Piora durante a noite ou quando estou sem prótese, ou ainda quando não estou fazendo nada. Some quando coloco a prótese e ando. Então sinto

a perna, vividamente, mas é um fantasma bom, diferente — ele anima a prótese e me permite andar’ (SACKS, 1997, p. 85).

Que imagem é essa que se tem ‘do corpo’ que dói e que muda tão peculiarmente? Aliás, sobre ‘que muda’, difícil resistir à tentação de uma última exemplificação:

Um marinheiro acidentalmente teve o dedo indicador direito decepado. Depois disso, durante quase quarenta anos ele foi perseguido por um intruso fantasma do dedo, estendido rigidamente como estava na ocasião em que fora decepado. Sempre que ele aproximava a mão do rosto — por exemplo, para comer ou coçar o nariz — temia que o dedo fantasma lhe furasse o olho. (Ele sabia que isso era impossível, mas a sensação era irresistível.) Ao contrair uma grave neuropatia sensitiva diabética, ele perdeu por completo a sensação de ter dedos. O dedo fantasma também desapareceu. Sabe-se que um distúrbio patológico central, como um ataque sensorial, pode ‘curar’ um fantasma. Com que frequência um distúrbio patológico periférico tem o mesmo efeito? (SACKS, 1997, p. 83)

Que relação é essa com o corpo? É corpo de que se trata? De qual corpo se trata? Se é que se trata. Um corpo que inclui e sente partes que não estão lá, ou que não sente partes que estão lá (Sacks poderia ajudar a exemplificar isto também, embora talvez, aí, se caísse mais concretamente em dimensões bastante mais neurológicas). O fato é mesmo que corpo não se limita a ‘corpo’. E que talvez se poderia dar a Isso Outro nome. E, talvez, por uma influência ainda biológica, bem se se poderia inspirar nas articulações que o eminente biólogo Richard Dawkins previamente já nos ofereceu. Falo do Fenótipo Estendido (DAWKINS, 1999). Talvez fosse mesmo o caso de chamar não de corpo, mas de fenótipo.

Quer dizer, em biologia, a herança genética de um indivíduo é chamada genótipo, enquanto a “aparência física” é chamada fenótipo. Dawkins (1999) estabeleceu um postulado que associava o organismo ao artefato (objeto útil produzido pelo organismo) ligado ao código genético do organismo, chamando essa associação de fenótipo estendido. Levando adiante seu conceito para além da associação organismo-artefato, incluiu também a família do organismo, o seu grupo social e todos os instrumentos e ambientes criados pelo indivíduo e grupo. ‘O comportamento de um animal tende a maximizar a sobrevivência dos genes *para* aquele comportamento, estejam ou não esses genes no corpo do animal específico que o executa’. Seria arbitrário restringir o conceito de fenótipo somente à expressão fenotípica dos genes em seu próprio corpo; a ação/expressão dos genes não se limita ao organismo, mas se estende para o mundo externo e mesmo outros organismos: ‘[...] o indivíduo que você observa pode estar agindo sob a influência manipuladora de outro indivíduo, talvez um parasita’. Isto torna a básica fórmula biológica “fenótipo = genótipo + ambiente” bastante mais profunda.

Para seguir um exemplo ‘bobo’: Cucos não constroem ninhos; colocam seus ovos em ninhos de outras espécies de pássaros. Os pais adotivos chocam e criam o filhote de cuco. Mas as estratégias evolutivas não acabam aí: em primeiro lugar, o cuco possui um período de

incubação bastante curto, por isso nasce antes que os irmãos adotivos, e, logo que nasce, atira todos os outros ovos para fora do ninho, um de cada vez, para que tenha toda a atenção dos pais adotivos para si; em segundo lugar, o cuco também realiza uma “diabólica chantagem infantil”, gritando alto e sem parar com vistas a atrair “deliberadamente” predadores ao ninho, apenas parando no caso de ser alimentado (assim o filhote obtém uma quantidade de alimento superior à sua cota). Outras espécies de pássaros fazem a mesma coisa (‘Os honeyguides, tais como os cucos, colocam seus ovos nos ninhos de outras espécies. O filhote nasce equipado com um bico curvo e afiado. Logo que eclode, cego ainda, sem penas e totalmente indefeso, apunhala seus irmãos adotivos até a morte. Com os irmãos mortos, ele não terá competidores pelo alimento’), e alguns lagartos também; no caso destes últimos, os pais-pássaros adotivos cuidam do ovo-lagarto que ao nascer pode até mesmo, além dos irmãos, acabar devorando os pais. Dawkins (1999) chamou a isso de fenótipo estendido, por conta de os genes de uma espécie fazerem uso direto do fenótipo de outra espécie; o que, em outras palavras, pode significar aproveitamento usurpador e especializado do altruísmo cego (os pais adotivos cuidam e criam como se fossem realmente seus ovos-filhotes). Mas, mais simplesmente, que o fenótipo pode se estender para muito além do próprio e imediato organismo, isto é, para muito além do próprio corpo. Noutras palavras, os pássaros de outras espécies fariam parte do ‘corpo’ do cuco. Corpo além do corpo. Expansão conceitual, conceito estendido. Por necessidade. Tal como o penetrante geneticista Richard Lewontin empreendeu em seu livro ‘A tripla hélice: gene, organismo e ambiente’, onde problematizou fortemente a relação destes três elementos tão completamente relacionados:

Para chegar a um conceito de ambiente que seja correto e útil para o nosso entendimento da evolução passada, para a previsão do futuro das condições na Terra e para uma busca eficiente da vida extraterrestre, é necessário esclarecer uma série de aspectos da relação entre organismo e ambiente. Em primeiro lugar, os organismos determinam quais elementos do mundo exterior devem estar presentes para a constituição dos seus ambientes e quais relações entre esses elementos são relevantes para eles. No meu jardim há árvores e, entre elas, grama e pedras espalhadas pelo chão. A grama faz parte do ambiente de uma ave (*Sayoriushphoebe*) que constrói seu ninho com palha, mas as pedras não. Se elas desaparecessem, não faria a menor diferença para a ave. Porém, essas pedras fazem parte do ambiente de um tordo, que as usa como bigorna para abrir caracóis e comê-los. No alto das árvores há ocos que os pica-paus usam como ninhos mas que não fazem parte do ambiente de nenhuma das outras duas aves. Os elementos do ambiente de cada ave são determinados pelas atividades vitais de cada espécie (LEWONTIN, 2002, p. 57).

A noção de ambiente fica modificada. Talvez Dawkins pudesse chamar o ambiente de Lewontin ainda de fenótipo. Corpo? E o psicanalista Wilfred Bion?

Assumo que biólogos e outros estudiosos tiveram permissão para falar sobre sexo. Entretanto, lembremos do furor causado pela sugestão, feita por Freud, de que o sexo desempenha um enorme papel. O próprio fato de que Freud tenha sido capaz de fazer tal sugestão teve um efeito: pudemos ver que a maior parte do desenvolvimento da psicanálise foi feito em termos de efeitos biológicos. Veja, para efeitos biológicos, o trabalho de Mendel e a promulgação das leis da hereditariedade são bastante adequados. É claro que uma questão se coloca quando falamos de “herança mendeliana”, porque isso é tautológico. No entanto, acho

que uma situação um pouco estranha surge quando se trata de supor que existe uma tal coisa como a mente, que todos nós temos uma mente ou alma ou psique, ou como queiram. Temos que falar assim por não termos um vocabulário mais adequado – e, tão logo reconheçamos isto, notaremos uma lacuna que, na verdade, não está lá muito vazia. Enfim, empréstimos da biologia começam a falhar quando consideramos questões da mente e de transmissão de ideias. De fato, precisaríamos acrescentar tais considerações à dita herança biológica, esse mito mendeliano de propagação, de modo a aplicá-lo ao mundo das ideias, no qual características são transmitidas de uma geração para outra ou para gerações subsequentes. Poderíamos dizer que, por um lado, há os genótipos, a herança genética, e do outro os fenótipos, a transmissão das aparências. Ensina-me a crer que as características adquiridas não seriam transmissíveis; em outras palavras, que as características genéticas, mendelianas, seriam as únicas passíveis de transmissão. Não creio que isso seja bom o bastante; penso haver algo bastante inequívoco a respeito do modo pelo qual *ideias* são transmitidas. Um indivíduo dá à luz, por assim dizer, a outro indivíduo que carregará sinais ou sintomas destes fenômenos – estou inventando uma palavra para descrever as partículas transmitidas, e que continuam a ser transmitidas: pode-se imaginar uma situação tal, em que uma nação inglesa, afetada por Shakespeare, obtém características transmitidas, de algum modo – que não através das formas óbvias, por livros e similares, como se poderia supor. [...] Somos levados a supor que algo aconteceu a um indivíduo; na sequência, esse ‘algo’ foi transmitido em outro lugar; mas as leis da herança mendeliana não se aplicam a isso – outras leis, sim, como a dos fenótipos e fenômenos (BION, 2017b, p. 11-13).

Talvez ainda seja o caso de criar novas noções ou conceitos para enredar e articular pontos não perceptíveis pelo tato ou trato atual. Novos modos de pensar?

Como pensa Wilfred Bion?

P.A. - *Seus amigos somáticos poderiam reclamar de serem submersos em suas evoluções intelectuais, cerebrais - um oceano abstrato de teorias, rarefeito, no qual não poderiam sentir cheiro nem gosto. Se os somitos pudessem escrever, o livro seria Sobre a Interpretação da Realidade e as teorias seriam tudo aquilo que chamamos de sonhos. Queixamo-nos a um só tempo do desprazeroso calor da psicanálise e de suas áridas abstrações.*
DOUTOR - *Pobre corpo; pobre mente. Se lembrarmos que um deriva do outro, é quase surpreendente que eles não consigam se dar bem e que um se julgue superior ao outro. Na verdade, pode ser que eles derivem de um gerador biológico de plutônio.* (BION, 1996, p. 56-57).

Em sua Memória do Futuro – que em nada concordaria com a preguiça comum daqueles que preferem lembrar ao invés de pensar –, Bion traça um diálogo fenomenal ilustrando a relação entre as partes:

MENTE - Oi! De onde foi que vocês saíram?
CORPO - O quê? Você, de novo? Eu sou Corpo - se quiser pode me chamar de Soma. Quem é você?
MENTE - Chame-me de Psique - Psique-Soma.
CORPO - Soma-Psique
MENTE - Devemos ser parentes.
CORPO - Nunca - se depender de mim.
MENTE - Ora, deixe disto. Não é tão ruim assim, é?
CORPO - Muito pior. Você nos meteu neste ar. Por sorte, eu trouxe algum líquido comigo. O que você está fazendo?
MENTE - Nada! Devem ser os meus frenos - este diafragma aí, subindo e descendo. Estou inspirando ar - fluido, não líquido. Para que você trouxe esse troço úmido aí? Cheira bem?
CORPO - Você nunca saberia nada a respeito do Cheiro se eu não tivesse o líquido para agregar seus átomos. Típico da Mente - palavras, palavras, e nenhum conteúdo. Onde foi que você as achou?
MENTE - Empréstadas do futuro - e você as está emprestando de mim; o que faz com elas? Você as enfia pelo diafragma?
CORPO - Elas penetram-no. Só que o significado não passa. Onde você consegue suas dores?

MENTE - Emprestadas - do passado. E o significado também não passa pela barreira. Gozado, hein? O significado não passa nem de mim para você nem de você para mim.

CORPO - É o significado da dor que eu estou lhe enviando; as palavras que eu não envie passam - mas o significado se perde.

MENTE - O que é esta coisinha linda, apontando para fora? Gostei dela. Tem uma mente própria - igualzinha a mim.

CORPO - É igual a mim - tem um corpo próprio. É por isto que ele é tão ereto. Não existe a menor evidência para a sua mente.

MENTE - Não seja ridículo. Eu sofro de ansiedade tanto quanto você tem dor. Na verdade, eu tenho dor em relação a coisas que você nada sabe. Sofri intensamente quando fomos rejeitados. Eu te pedi para me chamar de Psique e prometi te chamar de Soma.

SOMA - Tudo bem, Psique; não admito que exista uma pessoa que não seja um artefato de minha digestão.

PSIQUE - Então... Com quem você está conversando?

SOMA - Estou falando comigo mesmo e o som é refletido de volta por uma de minhas membranas fetais.

PSIQUE - Uma de suas membranas feais! Ah, ah! Muito boa, esta! Fui eu ou você quem fez este trocadilho?

SOMA - Esta é a única linguagem que você entende.

PSIQUE - Esta é a única linguagem que você ouve. Tudo o que você fala é dor.

SOMA - Você só respeita dor ou falta dela. Só consigo te transmitir alguma coisa quando uso a linguagem direta da (dor)

PSIQUE - Uma palavra através de seu estoma. Desculpe-me se no momento me dedico a falar com este mamilo imbecil - olhe! Uma ereção instantânea!

SOMA - Graças às minhas evacuações líquidas. O que é isto?

PSIQUE - Eu mordo isto.

SOMA - Isto acabou de morder. Morde de novo! Ei, você está me mordendo.

PSIQUE - Não pode ser. Eu pus os meus pés no seu estoma? Você me confundiu, de novo. Dor, pés - tudo misturado. Por que você não se resolve de uma vez?

SOMA - Eu me resolvo. Se você tivesse um pinga de respeito pelos meus "sentimentos" e fizesse o que eu sinto em você, não estaria metido nesta confusão.

PSIQUE - Se estou nesta confusão é porque nela me enfiaram. Quem é o responsável? Seus sentimentos ou Suas ideias? Tudo o que me possui é seu - fluido amniótico, cheiro, luz, gosto, ruído; estou embrulhado nisto. Cuidado! Estou sendo absorvido!

SOMA - Vou fazer patê de você - é só acabar de te absorver. É tudo urina, merda e piedade. Você pode idealizá-lo - e certamente conseguir um bom preço por ele. Ei! Salvem-me - também estou sendo absorvido. Socorro!

PSIQUE - É nisto que dá ficar penetrando dentro e fora. Estou confuso.

SOMA - Ficou aí penetrando? Deu nisto - ou você se desintegra ou entra em colapso (BION, 1996, p. 6-9).

Vale frisar que Jansy Mello (2017, n. p.) já destacou “o ponto de vista de W.R.Bion para o qual soma e psiquê representam apenas as duas faces de uma mesma moeda e para quem os sintomas psicossomáticos estão na base do aparecimento do indivíduo a partir do grupo primitivo ao qual continuará pertencendo”. Somos sempre um já um grupo, um funcionamento de grupo, mesmo que num indivíduo (em bioniana perspectiva): “Wilfred Trotter sugeriu, em ‘Instintos da Multidão na Paz e na Guerra’, que o grupo como um todo é maior do que a soma de suas partes. Sinto que eu, que estou escrevendo isto (e pensando antes de escrever), sou menos do que o meu todo” (BION, 1989, p. 121). O todo não é unívoco, uno. Ademais, há diferentes modos de operação de partes. “Pensar é suportável devido a seu componente sensorial. A experiência que ainda não chegou a uma conclusão é se o animal humano vai sobreviver a uma mente enxertada em seu equipamento já existente. Você acha que pode aguentar um pouco mais?” (BION, 1989, p. 173). Ao menos cronologicamente se concebe que uma coisa evoluiu

antes da outra, e que o enxerto, quase transplantado, gera rejeição – a justa convulsão que enraíza o adoecimento do conjunto. Funcionamentos distintos, e daqui pra lá ou de lá pra cá?

Certas coisas de fato parecem sugerir a existência dessa combinação entre o corpo e a mente. Por que os antigos anatomistas chamaram uma parte do cérebro de ‘rinencéfalo’? Por que um cérebro nasal? Por que um certo paciente está sempre queixando de rinite? Psicossomático? Somatopsicótico? Façam sua escolha. ‘Sangue puro e eloquente, flou em suas faces; expressou-se tão claramente, quase se podia dizer que seu corpo pensava’ (John Donne, ‘O Segundo Aniversário’) (BION, 2017b, p. 80).

Repete-se: daqui pra lá ou de lá para cá?

Bion: ... E o que dizer sobre pensamentos que emergem, digamos, a partir das suprarrenais? Poderíamos descobrir algum sistema de coordenadas pelas quais seria possível observá-los indo numa direção oposta? Tomem meu exemplo de uma mão: um lado é psicossomático; o outro, somato-psicótico: se puderem dar uma interpretação sobre uma condição psicossomática seria possível também dar uma interpretação de tal modo que fosse somato-psicótica? Dessa forma essas coisas enigmáticas tais como esquizofrenias, psicoses maníaco-depressivas e assim por diante poderiam se tornar muito mais compreensíveis. Consideremos o ‘maníaco-depressivo’: um marido maníaco se casa com uma mulher depressiva e assim criam a *folie-à-deux* (loucura a dois). Conseguiríamos colocar isto numa direção contrária? Começando com o *folie-à-deux* e terminando com duas pessoas? Estas pessoas permaneceriam casadas?

P: Há alguma confusão aqui na tradução: estamos aqui falando de fato em ‘somato-psicótico’ ou deveria ser ‘somato-psíquico’?

Bion: São visões diferentes da mesma coisa, é uma espécie de diafragma, uma cesura, ‘a impressionante cesura do nascimento’. Há muitas cesuras impressionantes sobre o nascimento das ideias e cada vez que uma pessoa tem uma ideia nova – por exemplo: a psicanálise – tal ideia imediatamente se torna uma barreira, algo difícil de se penetrar. Ao invés de ser libertadora torna-se aprisionadora. Assim, mesmo quando tentamos formular uma ideia que seria libertadora formulamos também uma outra cesura que pode se tornar impenetrável (BION, 2017a, p. 72).

Somapsicótico ou soma-psicótico. Em inglês, ‘*To take my pictorial example of a hand, one side being psycho-somatic, the other soma-psychotic*’, com o hífen sempre marcado. Uma mera questão de regra gramática ou uma pontuação bastante precisa e bem escolhida para ser mantida?

Winnicott e o homem-hífen

O ser humano é uma amostra-no-tempo da natureza humana. A pessoa total é física, se vista de um certo ângulo, ou psicológica, se vista de outro. Existem o soma e a psique. Existe também um inter-relacionamento de complexidade crescente entre um e outra, e uma organização deste relacionamento proveniente daquilo que chamamos mente. O funcionamento intelectual, assim como a psique, tem sua base somática em certas partes do cérebro. Como observadores da natureza humana, podemos discernir entre funcionamentos do corpo, da psique e da mente. Não iremos cair na armadilha que nos é preparada pelo uso popular de “mental” e “físico”. Estes termos não descrevem fenômenos opostos. O soma e a psique é que são opostos. A mente constitui uma ordem à parte, e deve ser considerada como um caso especial do funcionamento do psicossoma [Ver Winnicott, D. W. ‘A Mente e sua Relação com o Psique-Soma’, publicado no Brasil em Da Pediatria à Psicanálise]. É necessário chamar a atenção para o fato de que é possível olhar para a natureza humana das três maneiras acima indicadas, e inclusive estudar as causas desta divisão de “poderes”. Será especialmente interessante pesquisar os estágios muito precoces da dicotomia entre psique e soma na criança, e os primórdios da atividade mental (WINNICOTT, 1990, p. 29).

Em Winnicott, se trata sempre da ‘incerta conquista da morada da psique no soma’ (LAURENTIS, 2007), de um alojamento que requer contínuo trabalho integrativo e não totalizante, sendo o estudo psicossomático caracterizado mesmo por não nos permitir “presumir um relacionamento intenso entre a psique e o soma”, no sentido de “fechado” e completo, já que neste âmbito “é preciso considerar os estados tão comuns e importantes em que a relação entre a psique e o soma é enfraquecida, ou mesmo rompida” (WINNICOTT, 1990, p. 45). Pode acontecer de processos mentais estarem modificados, ou de a psique estar doente, enquanto o corpo permanece sadio – ou de operações intelectuais operativas em um corpo algo comprometido. Muito dependerá da qualidade da ‘elaboração imaginativa das funções corpóreas’:

Tentemos, pois, pensar o desenvolvimento do indivíduo começando no início. Eis aqui um corpo, sendo que a psique e o soma não devem ser distinguidos um do outro, exceto quanto à direção desde a qual estivermos olhando. É possível olhar para o desenvolvimento do corpo ou da mente. Suponho que a palavra psique, aqui, significa elaboração imaginária (*imaginative*) dos elementos, sentimentos e funções somáticos, ou seja, da vitalidade física. Sabemos que essa elaboração imaginativa depende da existência de um cérebro saudável em funcionamento, especialmente de certas partes do mesmo. A psique, entretanto, não é sentida pelo indivíduo como localizando-se no cérebro, ou em outra parte qualquer (WINNICOTT, 2000, p. 333-4).

A mente será já referida às dimensões intelectuais, psicológicas, emocionais e sociais, especialmente como uma especialização da psique que patologicamente pode ser antecipada e prematurada pelas faltas ambientais; na saúde, o bebê não precisa prever as adversidades de seu entorno, de modo que a mente poderá surgir no seu tempo e não em respostas reativas ou (es)forçadamente adaptativas, bem nisso consistindo a fala: “A natureza humana não é uma questão de corpo e mente – e sim uma questão de psique e soma inter-relacionado, que em seu ponto culminante apresentam um ornamento: a mente” (WINNICOTT, 1990, p. 44) – grifam-se aqui as ideias de que 1) a mente surge como transformação e 2) há inter-relação, com hífen já aí (sempre) – “Distúrbios do psicossoma” ou distúrbios psicossomáticos, “são alterações do corpo ou do funcionamento corporal associadas a estados da psique” (WINNICOTT, 1990, p. 44). Mas, vejamos – atentemo-nos:

A obra de Winnicott oferece uma clara resistência tanto à redução do homem a um dispositivo representante ou falante, tal como preconizado pelo mentalismo e pelo lingüisticismo da psicanálise tradicional, quanto a um mecanismo físico-químico, como quer o fisicalismo da psiquiatria médica. Não sendo o homem nem um ‘aparelho psíquico’ nem um ‘aparelho fisiológico’, mas uma pessoa, a etiologia da doença humana não precisa ser atribuída a uma fantasia fora do controle ou a um corpo desembestado, nem a saúde e a cura, a mecanismos reconcionáveis e reconicionados. Com Winnicott, surge uma imagem do homem não mais baseada no dualismo cartesiano de mente e corpo – dualismo ininteligível e, por isso, fonte permanente de tentativas reducionistas, quer de cunho idealista, quer materialista, em busca de um monismo improvável –, mas na idéia de uma ‘existência psicossomática’, existência hifenizada, o hífen sendo constituído pela e na existência ela própria. O homem

winnicottiano, poder-se-ia dizer, existe como uma múltipla hifenização: entre o passado, o presente e o futuro, entre as partes do corpo, entre o indivíduo e o ambiente, entre a vida e a morte, entre o ser e o não-ser. *O homem é homem-hífen*, homem-ponte, homem-relação, interpelado por essas diferenças e, por isso, responsável por elas, tendo a sua unidade na articulação dos diferentes sim e não de que é feito. É desse homem que se trata, segundo Winnicott, tanto na saúde como na doença. Essa modificação da visão do mundo e do ser humano implica um novo conceito de cura, inclusive na psicanálise, e justifica, somada a vários outros momentos do pensamento winnicottiano, que se atribua a sua obra o título de ‘revolucionária’ (LOPARIC, 2000, p. 394, grifos nossos).

Nesta perspectiva, frisa-se, não existiria um psicossoma, enquanto uma entidade monista e única, mas sim psique-soma, uma bi-ferencialidade [diferencialidade] operacional de funções não redutíveis umas às outras – uma não determina a outra, mas ambas relacionam-se continuamente em continuidade [na saúde], com o hífen estando sempre lá. Ademais: “no distúrbio psicossomático, esse traço-de-união transforma-se em traço-de-separação” (LOPARIC, 2000, p. 361).

Usando o fato de que o termo ‘*psycho-somatic*’ contém necessariamente um hífen, Winnicott afirma que o desafio e a tarefa do psicossomatista, ou do terapeuta, é *cuidar do hífen*. Não para fazê-lo desaparecer, mas para mantê-lo exatamente como é: *aquilo que une e separa ao mesmo tempo*. Enquanto teoricamente, e na saúde, o hífen representa a união, sempre precária, entre psique e soma, *no distúrbio psicossomático*, o sintoma físico é o alerta de que *o hífen está operando como traço de separação*. O terapeuta não deve antecipar-se à possibilidade do paciente e denunciar a cisão. Isso seria um apelo à racionalidade do paciente e poria mais água no moinho da compreensão meramente intelectual’ [acentuando a separação] ‘Esses pacientes’, diz o autor, ‘precisam de nós para serem cindidos’ (ibid., p. 88). Ou seja, esses pacientes necessitam de alguém que os acompanhe sem tentar modificar o quadro defensivo até que eles possam, lentamente, desde si-mesmos, permitir que o processo de amadurecimento siga na direção que lhe é própria: a da integração. É essa tarefa que legitima a existência de um grupo de médicos e terapeutas reunidos em torno da psicossomática (DIAS, 2008, p. 118-119 – grifos nossos).

Assim, temos um caráter dual e plural do hífen. Se na versão original do conceito [*psyche-soma*] ele indica um traço de relação e não de separação, “quando há separação, significa que algum tipo de patologia já está presente” (LAURENTIS, 2008, p. 55), e o hífen está como defesa que separa ativamente:

Após o trauma é erigida uma defesa, de caráter anti-traumático que visa evitar a repetição da ‘angústia impensável’. Por cisão ou dissociação múltiplas, o indivíduo se despersonaliza ativamente, inibindo os impulsos de modo geral e avesso a qualquer intensidade, que incomoda e/ou constrange, num equilíbrio sempre precário entre psique e soma, como que perdurado no hífen da expressão psico-somático, não no sentido do que une, mas no de que separa (DIAS, 2008, p. 115/116).

Enfim, “soma e psique são dois modos distintos de operar, mas tão intimamente relacionados que se torna difícil considerar isoladamente o funcionamento de um deles, embora seja sempre importante e necessário preservar um lugar para o hífen [*psyche-soma*]” (LAURENTIS, 2008, p. 59), ressaltando o caráter relacional, de relação, entre partes que não são tão somente reflexos de um espírito – não haveria apenas duas ‘linguagens’ que expressam a

alma, como veículos –, e ressaltando igualmente a possibilidade de esta relação estar prejudicada a ponto de esta ligação não operar em conjunção, mas em disjunções e tantos mais.

Em suma

Há uma consideração-chave de Winnicott acerca da relação psico-somática, enaltecendo o caráter daquilo chamado de elaboração imaginativa das funções corpóreas (que não é uma questão de simples representação psicológica, embora seja difícil conceber a natureza da realização psíquica disso), o alojamento da psique (que sempre esteve lá) em um corpo (que “antecede” heideggerianamente – isto é, tal qual a ideia de que o mundo é mais velho do que nós, nos antecede, não esperou nenhum ‘sujeito’ para existir, mas tampouco ele adquire qualquer significado, ao menos daquilo que conhecemos como ‘realidade’) que estava lá logicamente ‘antes’ (o tempo lógico já seria de Hegel: João, pai, antecede cronologicamente Pedro, seu filho, mas sua existência enquanto pai é simultânea ao aparecimento de Pedro enquanto filho, não era pai antes) – haveria que haver um habitar, um personalizar:

Deve-se ressaltar que ao me referir a satisfazer as necessidades do lactente não estou me referindo à satisfação de instintos. Na área que estou examinando os instintos não estão ainda claramente definidos como internos ao lactente. Os instintos podem ser tão externos como o troar de um trovão ou uma pancada. O ego do lactente está criando força e, como consequência, está a caminho de um estado em que as exigências do id serão sentidas como parte do self, não como ambientais. Quando esse desenvolvimento ocorre, a satisfação do id se torna um importante fortificante do ego, ou do self verdadeiro, mas as excitações do id podem ser traumáticas quando o ego ainda não é capaz de incorporá-las, e ainda é incapaz de sustentar os riscos envolvidos e as frustrações experimentadas até o ponto em que a satisfação do id se torne um fato (WINNICOTT, 1983, p. 129).

Pode acontecer de a fome não ser integrada a um interno. Pode acontecer de funções continuarem serem tidas como ‘externas’. Pode acontecer de um interno sequer ser concebido. Dependerá de ‘se tudo caminhar bem’, o que resultaria em a continuidade se estabelecer. Antes disso, períodos não-integrados serão justamente normais e cruciais. O bebê olhará a mãe e será na mãe; o bebê olha o móvel, e ele é o móvel. Aquilo faz parte dele e o realiza, ou ele ali se realiza – haveria todo um desenvolvimento possível na linha do objeto, do objeto evocativo e tanto mais, na esteira do que Bollas (1998) descreve, momentos de alternância de posições como os descritos por Melanie Klein e mais. Mas poderia não ser parte, poderia haver uma relação disjuntiva de partes e/ou funcionamentos. Quanto a matrizes bionianas, se poderia, mais do que resgatar, considerar um recorte psicopatológico:

Na concepção de A. Dias (1992), o termo psicossomática, devido a sua inespecificidade, deve ser substituído pela designação somatopsicose, utilizada tanto por Bion (III volume de A memoir of the Future cit. A. Dias,

1992, p.31) quanto por Meltzer (Metapsicologia Ampliada, cit. A. Dias, 1992, p.31). O termo somatopsicose enuncia um contexto teórico claro, onde o adoecer psicossomático é encarado na sua relação com fenômenos psíquicos determinados. (Cardoso, 1995, p.35). A. Dias (1992), ao investigar sobre a somatopsicose, parte de pressupostos de Bion e coloca como paradigma somatopsicótico a mentira originária, sendo que o conceito de mentira originária, para ele, é muito mais amplo que o recalçamento originário de Klein e o falso self de Winnicott e mais até que a questão da hipermauração. (A. Dias, 1992, p.34). Refere-se, portanto, a uma hiper-adaptação ao outro, ao meio humano, decorrente da afirmação onnipresente do outro, onde o sujeito se desanima, não havendo um único espaço para a identificação projectiva, mas somente uma forma particular de identificação adesiva em que o sujeito se condena a uma reduplicação do outro e do pensamento do outro (Cardoso, 1995, p.35) (CERCHIARI, 2000, n. p.).

E das dimensões biológicas, não há como deixar de fora ideias neurocientíficas como as relativas à como o cérebro se configura e é configurado pelas condições entornantes (cibernéticas ou de metaverso), ou mesmo à própria consciência, em seu jogo com a percepção. Coisas que podem constar resumidamente em notícias como a chamada: “Seu cérebro sabe qual será sua escolha antes mesmo que você perceba: Segundo pesquisadores, 11 segundos é o tempo de antecedência no qual o padrão cerebral se decide antes de nós tomarmos consciência disso” (GALILEU, 2019, n.p.); quer dizer, existiria um lapso entre decisão e uma ação “decorrente”, já que, de fato, tudo o que você decide, vê, sente ou ouve “já aconteceu, mas a mente precisa de tempo até processar e transformar a informação em ação. A mente se conscientiza de que uma parte da atividade cerebral trabalha previamente e, desde o nascimento, as pessoas lidam muito bem com esse atraso” (TORIKACHVILI, 2017, n. p.). O corpo pensa antes do cérebro? O cérebro pensa antes da mente? Da consciência? Sem exageros, há algo de curioso no movimento ‘atrasado’ ao qual estamos mesmo ‘acostumados’, embora cientemente desavisados. Quanto ao metaverso, pode-se mencionar a entrevista com o neurocientista quase Nobel Miguel Nicolelis:

Nicolelis – Você não vai saber distinguir. Você pode não conseguir distinguir. Porque o cérebro vai ficar em dúvida, pois a simulação começa a ser tão real, num certo nível, que o seu cérebro incorpora ela como se fosse extensão do que está ‘aqui’. [...] Nós criamos um macaco com oito braços. Tá? Só que eles não eram físicos, eles eram virtuais. Terminava o dia – ‘aquele’ era o momento mais alto da vida do macaquinho no laboratório, esse momento onde ele entrava no mundo virtual, assim como nós fazemos, e tinha múltiplos apêndices para brincar. Terminava a simulação, o macaco ficava procurando [os braços extras], com os dois braços dele, sabe, ele ficava tentando achar onde está aquele ‘barato’ que ficou tão legal, porque ele recebia recompensa usando braços assim. Nós fizemos um macaco que é a primeira interface...

Entrevistador – Como assim, me deixa entender? Pera aí. Vocês pegaram um macaco, colocaram um dispositivo na cara do macaco, ele estava dentro do mundo virtual. Era como se fosse um ‘*Oculus Quest*’ pra mim. Aí ele tava no mundo virtual, olhava e tudo bem. Aí ele olhava aqui no suvaco dele (abaixo dos braços normais, e não via nada)... ele no mundo virtual, olhava aqui, e via de um lado três braços, e do outro também...

Nicolelis – Sim, nós começamos com dois na verdade. Então ele tinha quatro. Ele tinha os dois dele e mais dois virtuais. Chegou um ponto em que o macaco conseguia realizar uma tarefa na qual ele combinava os movimentos dos dois braços reais com os dois virtuais.

Entrevistador – Aí ele conseguia, com a mente dele, ele comandava esses braços virtuais, como se fosse realmente parte do corpo dele? Então, assim, ele mexia um que era independente do outro, então o cérebro dele conseguia fazer com que ele usasse quatro braços de forma independente, sendo que no mundo real ele só tem dois?!

Participante – Sim. Mas aí, quando você tirava os “óculos” do macaco, ele achava que tinha os quatro.

Nicolelis – É pior! Porque quando você entrava no cérebro dele, quando você olhava o córtex motor dele, tinha a representação dos braços virtuais!

Entrevistador – Meu Deus, cara! (FLOW PODCAST, 2022, n. p.)

O cérebro é modificado, adaptando-se para se pensar um corpo de oito braços, em seja lá o qual for o ‘universo’ que ele habita, ou com membros biônicos (paraplégicos andando) ou interfaces mais – Nicolelis ainda conta do rato dotado de ‘sexto sentido’, capaz de perceber cinesteticamente e ‘tocar’ luz infravermelha (um detector de luz infravermelha na testa enviava sinal elétrico direto ao córtex tátil dele, na parte da face, desde os bigodes), de modo que o cérebro todo passou a processar tais informações, numa outra realidade.

Elaboração consequencio-sintética das funções antes escritas

Compomos um soma, um corpo estendido, um fenótipo fenomênico que ultrapassa em tudo uma dimensão fisiológica. Somos uma somática consistência elaborada imaginativamente, portanto portando buracos e significantes expropriados, quando não somente expelidos, excindidos ou excitados. Plástico, expandimo-nos ou encolhemo-nos. Condoídos ou condoemo-nos, já que sentimos desde outrem lugar. Integrar uma tatuagem, uma perda ou um ciber-membro em nada difere do bigode ou do dente enquanto completo traço pedaço de personalidade. São todos processos contínuos e intermináveis, dotados de osteoblastos e osteoclastos mais ou menos metafóricos, plenamente pulsionados. Daí a mágica de um quando e como adoecer, da verminose ou covid, deprimindo ou desfalecendo. O corpo é um avatar, um perfil necessário, falante e falado, capaz de suportar dentro de limites a distância da psique – geralmente através da mente, esta, sim, capaz de oferecer reforço ao hífen.

Despedaça e fragmenta-se, reencontra-se noutra chave, reabrindo-se por ventura. Ancora sofrimento, contemplando em abarcadora engrenagem. Mas fixa ingenuamente, com incrédula estratificação de tempo-espço, desde onde se olha e é olhado, como narina surda e olfato esfomeado. Que potência se imagifica na turbulência anoréxica, na hipocondria fantástica ou na egodistonia extravagante. Dizem que carboidrato só engorda no ocidente, já que a base da dieta japonesa de arroz não cria a obesidade em larga escala – quanto é que se pode comer sem engordar e engordar sem comer?

O corpo é um fantasma, fantasmagórico, não só seus membros (como se se pudesse separar), aliás, todos os membros são fantásticos, como literatura fantástica, como bolha de sabão que escapa também, se origina de um sopro e se esvai. Fica pesado, sem dança, deprimido, sem música, mudo. Segura e prende, adoecido e doído, turvando o que encontra, turvado pelo não encontrado. Sensação conjugada, soma de egos, de eus, mais eu, mais eu, mais eu, mais eu. Replicante. Suplicante, já que carece de toque. Desenganado, já que cadáver adiado, sempre – a

despeito da promessa de vida interna. Um duplo, gêmeo, evocante original: Oxum de cavalo (contrário de cavalo de Oxum)! Que faz um, isto é, extensão, na análise: analista é uma extensão de mim, sem ser Eu, nem compartilhamento inconsciente – já que este último é existente. Mas é difícil fazê-lo. Difícil estendê-lo sem devorá-lo o diluindo, encerrando o diálogo dos polos diversos do funcionar humanimal –. Carne moída ou moedor de carne? Mais do que soma, do que soma das partes, menos do que o todo que haveria de ser.

Enfim e afinal, podemos ser sintéticos e sugestivos: não se pode perder de vista os recortes que se faz sempre do corpo despedaçado quando se o integra num certo toldo de trabalho, mesmo que profundamente necessário. Inevitável recortá-lo. Inevitável não recortá-lo para tratá-lo (por pesar que assim seja). Por isso, cuidado! Isto é, cuidá-lo.

Mais sintético: o corpo, mais que o agremiado biológico, consiste de matéria mental, quer seja, psíquica. Matéria psiquicamente somada entre.

Referências

BION, Wilfred Ruprecht. *Uma memória do futuro: I - o sonho*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BION, Wilfred Ruprecht. *Uma memória do futuro, livro III: a aurora do esquecimento*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

BION, Wilfred Ruprecht. *Seminários italianos*. São Paulo: Blucher, 2017a.

BION, Wilfred Ruprecht. *Seminários na Clínica Tavistock*. São Paulo: Blucher, 2017b.

BOLLAS, Christopher. *Sendo um personagem*. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.

CAMPOS, Elisa Maria Parahyba; RODRIGUES, Avelino Luiz. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, São Paulo, 13 (2), 271-471p, jul-dez 2005.

CERCHIARI, Ednéia Albino Nunes. *Psicossomática um estudo histórico e epistemológico. Psicologia: Ciência e Profissão*. v. 20, n. 4., pp. 64-79, 2000.

DAWKINS, Richard. *The extended phenotype: the long reach of the gene*. New York: Oxford University Press, 1999.

DAWKINS, Richard. *Desvendando o arco-íris*. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

DENNETT, Daniel Clement. *Brainstorms: escritos filosóficos sobre a mente a psicologia*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

DIAS, Elsa Oliveira. O distúrbio psicossomático em Winnicott. In: VOLICH, Rubens Marcelo; FERRAZ, Flávio Carvalho; RANÑA, Wagner (orgs.). *Psicossoma IV: corpo, história, pensamento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

FERENCZI, Sándor. "Georg Groddeck: o explorador de almas" (1920). In: FERENCZI, Sándor. *Psicanálise III* [Obras Completas]. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

FLOW PODCAST. Miguel Nicolelis [+ Álvaro Machado Dias e Sacani] - Flow #48 @Ciência Sem Fim. *Youtube*, 12 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KISC7ZMITgs>. Acessado em: 20 mai 2022.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. Em: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud (Vol. XXI)*. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

GALILEU, Redação. *Seu cérebro sabe qual será sua escolha antes mesmo que você perceba* (2019, 18 de março). Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2019/03/seu-cerebro-sabe-qual-sera-sua-escolha-antes-mesmo-que-voce-perceba.html>. Acessado em: 29 dez 2019.

GOULD, Stephen Jay. *Vida maravilhosa: o acaso na evolução e a natureza da história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

INQUILINO. Direção: *Roman Polanski*. Produção de Andrew Braunsberg. França: CLASSICLINE, 1976. 1 DVD.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 23: o sinthoma*, 1975-1976. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LACAN, Jacques. Conferência no Instituto Tecnológico de Massachusetts - 02 de dezembro de 1975. In: *Lacan in North Armorica*. [recurso eletrônico] / Frederico Denez; Gustavo Capobianco Volaco (Orgs.). Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.

LAURENTIIS, Vera Regina Ferraz. A incerta conquista da morada da psique no soma em D. W. Winnicott. *Winnicott e-prints*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 1-13, 2007.

LAURENTIIS, Vera Regina Ferraz de. *Aspectos somáticos da conquista do Eu em D. W. Winnicott*. 2008. 231 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

LEWONTIN, Richard. *A tripla hélice: gene, organismo e ambiente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LOPARIC, Zeljko. O "animal humano". *Nat. hum.*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 351-397, dez. 2000.

MELLO, Jansy Berndt de Souza. *As mãos de Bion*. Disponível em: www.aetern.us/article-print-136.html#_ftn20. Acessado em: 14 abr 2017.

SACKS, Oliver. *O homem que confundiu sua mulher com um chapéu e outras histórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

TORIKACHVILI, Silvia. *A ciência por trás da tomada de decisão* [originalmente na revista Quanta]. *Revistaeducacao.com*. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2016/05/10/a-ciencia-por-tras-da-tomada-de-decisao/>. Acessado em 29 mai 2017.

WINNICOTT, Donald Woods. Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self [1960]. In: WINNICOTT, Donald Woods. *O ambiente e os processos de maturação*: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre, Artmed, 1983.

WINNICOTT, Donald Woods. *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

WINNICOTT, Donald Woods. A mente e sua relação com o psicossoma [1949]. In: WINNICOTT, Donald Woods. *Da pediatria à psicanálise*: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

Recebido em 26 de julho de 2022
Aceito em 02 de outubro de 2022



Este artigo está licenciado sob a licença: [Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). Ao submeter o manuscrito o autor está ciente de que os direitos de autor passam para a Revista Psicologia e Transdisciplinaridade.